

TEMPORADA DE VERÃO

1

O verão, naquela época, só adquiria significado quando eu avistava a casa da praia, com o seu germânico telhado pontudo, salpicado pelo vento e pelo tempo. A parentada ia chegando em bando e os chevrolets, pontiacs, oldsmobiles e dodges, que surgiam reluzindo ao sol, demonstravam, com total nitidez, quem tinha prosperado mais no último ano em seus negócios ou em suas funções públicas. A casa, então, superlotava-se e o isolamento e o silêncio de meses eram substituídos pela balbúrdia característica dessas ocasiões e pelas conversas entusiasmadas que marcam os reencontros, quando muitas vezes querem transmitir as suas novidades num mesmo único momento, mas ninguém ouve ninguém. *(Nas brechas dos segundos, no entanto, as faces familiares encaram-se e reexaminam-se, um ano mais envelhecidas).*

De qualquer maneira, eu também me sentia contaminado pelo clima reinante e zanzava de um lado para outro, tentando readquirir (e refixar) múltiplas impressões nas mesmas paredes de madeira, nos mesmos móveis, nos mesmos quadros e nos mesmos lampiões de querosene, tudo conservado nos lugares de praxe. Ou então subia a escada estalejante e ia até o sótão, já sabendo que seria envolvido pelo permanentemente-pairante

cheiro de madeira antiga, aroma que se reacendia e se misturava à emboloração de mil objetos abandonados e pilhas de velhas revistas.

Mas, naquela vez, algo novo invadiu o ar. Sensação pressentida quando me surpreendi descendo a escada num supetão, ao ouvir femininas vozes adolescentes (com seus sotaques de cidade grande), para ser invadido, logo em seguida, por uma incontrolável tremura nos joelhos, ao cruzar o meu olhar com a verde fixação do olhar de Célia, pois, desde o último encontro, ocorrera uma verdadeira revolução em sua aparência e seus novos atributos agora saltavam à vista.

Logo, porém, seria anunciado o sensacional caldo de peixe, preparado com capricho pela velha-fiel-preta-cozinheira Malvina, em comemoração ao evento, e os homens iniciariam um longo aperitivo, entremeado de muitas piadas (“...sabes da última?...”), espalhafatosas gargalhadas (“...esta os garotos não podem ouvir...”) e mexericos políticos (“...o Getúlio perdeu o controle...”), até que os pratos fumegantes comesçassem a sair pela portinhola entre a cozinha e a copa, marcando o início de mais uma (fugaz-eterna) temporada em Camboriú.

Acontecia que, mesmo sendo mínima a diferença de idade entre os jovens, eu levava clara desvantagem em relação aos outros, pois elas moldavam-se em curvas e ondulâncias, os seios formando consistentes redomas, sob ténues tecidos de verão, enquanto os pêlinhos fluorescentes

escapuliam-se dos protetores (mas nem sempre!) maiôs inteiriços. Já Zé Roberto, o primo sardento e galhofeiro, possuía robusta compleição e proeminente cabeçorra, ao passo que eu era exatamente o oposto. Isto é: fino como um bambu, a voz esganiçada, cabeça ainda bastante pequena para um corpo que se alongava desproporcionalmente, as pernas de avestruz.

Mas nada disso teria muita importância se não houvesse as ansiosas e esperadas idas à boate. Isso por que o ingresso no que eu imaginava ser um local ostentando *hollywoodiano* luxo só era permitido para maiores de 18 anos. Tanto Zé Roberto, quanto Célia e sua irmã Ângela, não viam motivos para acatar tal censura. E, nas noites de sexta e sábado, o trio saía rumo ao tentador salão de festas, como se estivesse se dirigindo a algum recanto paradisíaco (na verdade não passava de um mero caramanchão de madeira). Não me encorajando a ir e sofrer a humilhação de ser barrado (“...vamos Ronaldo, não tem problema, a gente entra...”), eu me roía em tormentos, especialmente quando elas estavam se aprontando.

(A porta do banheiro abre-se e fecha-se uma infinidade de vezes, enquanto as duas jovens maquilam-se e contemplam-se em frente ao espelho, emboladas, empurrando-se, acotovelando-se e xingando-se, num ritual incompreensível para os olhos juvenis masculinos. Aí surgem: as epidermes faciais empoadas, os lábios cor de sangue, reluzentes, os cabelos soltos, ou armados, à la Ava Gardner ou Lana Turner.)

Mas Magda, a irmã mais velha, não partilhava daquela alvoroçada movimentação. Preferia ficar lendo na sala - os cabelos cor de chama, cor de fagulha, sob a rubra luz dos lampiões -, ou escutando rádio - “...no ar ritmos do Tio Sam, trazendo hoje composições de Cole Porter, na execução de Artie Shaw e sua orquestra...” - sempre sentada na mesma poltrona quadriculada. E na praia raramente caía n’água, ou apanhava sol, permanecendo abrigada à sombra de uma barraca, com algum livro na mão - ...“esta Magda é mesmo uma chata...”, diziam as outras -, só de quando em vez esboçando um sorriso, em vista da algazarra que os demais faziam:

- “...vamos cair?” (Ronaldo) - “Ainda tá muito frio”. (Ângela) - “Que nada!” (Zé Roberto) - já correndo e voltando com um balde cheio de água para jogar nelas - “Aiiii!”- “Seu cretino! “ (vozes generalizadas) -, respingos gelados atingindo os corpos e todos correndo atropeladamente e se atirando ao mar - “Uiiiiiiii, que frio!” (Célia) - “Vou te dar um caldo pra esquentar!” (Ronaldo) - “Não faça isso!” (Célia) - o sedoso corpo colando-se ao meu - “Fico de mal com vocês...aiiiiiii!” (Célia) - eu forçando sua resistência e me agarrando a ela, um impulso desconhecido movendo os meus atos, as mãos percorrendo e perquirindo as coxas molhadas e macias, os seios rígidos e os corpos afundando-se, agarrados e voltando à tona, agitados - “Aiiiiiiiiiiiiii, ufffttttttt, me pagas, seu...abusado!”

Então descobri que Célia, com o seu belo rosto anguloso e suas harmoniosas formas, estava(m) me trazendo perturbações ainda não experimentadas. Era só vê-la, percebê-la, senti-la, de perto ou de longe, com seus longos cabelos castanhos claros, dourando-se quando resplandeciam ao sol, para tudo o mais se extinguir e só ela se destacar, assim como uma atriz num palco, iluminada por um foco de luz.

Ei-la deitada na areia, refulgindo de gotículas, após o primeiro banho de mar matinal, a pele adquirindo agora, cada vez mais, uma tonalidade café-com-leite. Os cabelos respingando, puxados para trás, deixam-na com uma expressão misteriosa e felina. Coloca um chapéu sobre os olhos e assim fica, entregue às carícias do sol, o corpo imóvel exalando um envolvente e salitrado aroma, enquanto os meus olhos encarregam-se de desbravá-la.

Mas, num rompante, ergue-se:

- Puxa, como esquentou!

(Relampejante-eterno-momento, que ela nem viu passar, imersa em suas próprias imagens interiores.)

Magda, ao contrário, com seus olhos azuis longínquos (que pareciam refletir toda a tristeza contida no tempo) possuía algo de indefinível e indevassável fluindo de todo o seu ser, uma constante palidez fixada na face, na expressão.

Vejo-a caminhando pela praia, ao cair da tarde. Os raios crepusculares infiltram-se pelo vestido leve, que se cola à silhueta afilada, drapeando até a canela, como uma vela ao sabor do vento.

Em outro momento: Magda modelada no espaço recortado do buraco da fechadura tomando banho! Lá está ela, toda nua, os seios pequenos e brancos, os tênues-triangulares-pêlos-pubianos formando uma fulva floração. Mas quem eu tentava ver era Célia e, mais uma vez, não conseguia!

Ângela, por sua vez, apesar de também possuir os seus encantos, ostentando fartura de seios, coxas e nádegas, era um tanto quanto rechonchuda para o meu gosto. Além do mais - talvez devido ao fato de seus olhos acinzentados me lembrarem os de uma onça -, a sua figura não me irradiava bons fluidos. Em alguns momentos chegava a me provocar certo mal-estar. Algo forte e incontrolável, impossível de ser contido. Ela parecia também sentir o mesmo, pois estava sempre lançando venenosas farpas em minha direção. Mas o que me deixava mais furioso é que eu era sempre o primeiro a baixar o rosto, quando nos encarávamos.

3

A temporada prosseguia, os dias escoando-se numa lenta-ligeireza. Nas tardes eram as horas modorrentas após o almoço, a água parada do poço, no fundo do terreno, refletindo a claridade do sol em ofuscantes resplandecências, apenas o rumorejo das folhagens e do mar, ao longe, ou o

alarido das crianças, brincando e movendo-se nos seus reinos à parte, ou ainda o barulho de algum automóvel que passasse na praia, cuja areia dura era também uma excelente pista, para a constante aflição das mães.

Sentado numa das cadeiras do varandão envidraçado, de frente para o amplo volume oceânico, deixo-me levar pelo tempo, sob a envoltória do aroma e da azulada cor-visão das águas e seus redobrados caminhos de espuma, a infinita seqüência das ondas, o incansável ressoar do mar...

E me lembro, já com saudade, de outras temporadas, outros verões, quando, refugiado nas proximidades do poço, ou à beira d'água, me entregava a secretas brincadeiras infantis:

Gravetos, pauzinhos de fósforo e artefatos vários transformam-se em galantes mocinhos e belas donzelas e o valente espadachim que vai salvar a heroína, aprisionada no castelo de areia pelo vilão Zé Roberto, seria a personificação de um “eu”-adulto-idealizado nos moldes dos gibis e dos aventurecos filmes norte-americanos da época e ela só poderia ser Célia e, após mil peripécias, o mocinho conseguia libertá-la e eliminar o bandido num furioso e mirabolante duelo-de-capas-e-espada pelas escadarias e dependências do castelo.

Mas agora:

Novos impulsos me conduzem, pé ante pé, ao interior da casa, para depois subir, com muita cautela, os degraus estralantes, a fim de surpreendê-las à vontade, durante as sextas.

Certa tarde, Ângela cochilava só de sutiã e calcinha e um triangular volume sombreado destacava-se sob o tecido, foco magnetizante para os olhos juvenis, redescobridores do mundo.

Mas, na outra cama, as ondulosas formas de Célia ocultavam-se sob um alvo lençol, implacável guardião, parecendo zelar pelos seus mais íntimos segredos.

Horas crepusculares: passeios a pé, ou de bicicleta, à beira-mar. Conversas de varandão, quando as mesmas-de-sempre-histórias-familiares são revividas, enquanto o cheiro de bolinhos fritos infiltra-se no ar. Saídas com o tio favorito para assistir à chegada dos barcos de pesca, na barra da praia. Mosquitos.

De noite: caminhadas noturnas pela areia. Célia e Ângela de shorts à luz da lua, que se reflete no mar e em suas coxas bronzeadas. Turbantes e rostos maquiados. Pesca de siris. Correrias no escuro. Mãos bobas. *Footing* na rua central. Chopes e sorvetes. Flertes. Dois galãs, ostentando armados topetes e dois fios de bigode, perseguem-nas, sob as risadinhas aquiescentes das jovens que desabrocham e os protestos xingativos de Zé Roberto.

Nas negríssimas noites sem lua, porém, deitávamos na areia e, contemplando a piscante reluzência prateada do estrelado céu de janeiro,

éramos invadidos por indefiníveis sensações e eu me sentia também um pontinho na vaguidão e recebia as primeiras pontadas do infindo-infinito...

- As três Marias, enfileiradinhas lá em cima - disse Célia, quebrando um longo e meditativo silêncio -, será que uma sabe da existência da outra?

E a indecifrável abóbada cósmica, além de nada nos responder, parecia também nos vigiar.

No quarto, já alta noite, as proezas do dia giram na mente: mil Célias-Ângelas-Magdas flutuam num mar de sonhos e ensejando múltiplas fantasias eróticas e viajantes atos solitários, enquanto rendadas banhistas *charlestonianas*, de faces rosadas e lábios de coração, emolduradas nos pequenos quadros, bailam em longínquas poses.

4

E houve um domingo. Toda a família tinha saído, às primeiras horas da manhã, em alvoroçado cortejo, para um piquenique numa praia distante. Só eu e as três irmãs permanecemos na casa, que parecia ter entrado em outra dimensão, sem o movimento e as vozes costumeiras.

Mas o que está acontecendo? O convite: vem, agora é a tua vez! não, não quero, não sei dançar, eu relutando, e Célia me puxando pela mão e dizendo: ora, que bobagem, não tem mistério nenhum, eu ensino e tudo rodopiando, naquele início de tarde, a encalorada e enfumaçada atmosfera (“vamos fumar uns cigarrinhos e tomar uns drinques”, havia sugerido

Ângela), o sol lançando luminosos reflexos nas paredes e assoalho, *Rádio Nacional, PR-F4, Rio de Janeiro, tarde dançante, um patrocínio do extrato de tomate Cica, que bons produtos indica*, e Célia ainda tentando me levantar, o short branco cavado no sexo e, sem querer, desprende-se e, aos risos, cai sentada no chão (e, por instantes, tive a repentina antevisão de sua cavidade vulvar), enquanto Magda surge no alto da escada, iluminada por um lance de luz - que entra pela fresta de uma janela -, desce e refugia-se na varanda, no mesmo momento em que Célia volta a me puxar, deixa de palhaçada, vem, é a coisa mais fácil do mundo e eu emperrado na desconcertante timidez...

(Mas, antes disso: as duas dançando bem agarradinhas, pra lá e pra cá, seguindo, em harmoniosos volteios, a canção que saía do rádio e se infiltrava no ar: *não tem solução, este novo amor*, as nuas coxas roçando-se umas às outras, os ventres colados, os quadris e as nádegas ondulando como rítmicas gangorras, enquanto eu, o passivo espectador, era invadido por uma irresistível excitação e foi quando Célia, como se tivesse desvendado as minhas sensações, aproximou-se, me puxou pelas mãos e disse: “vem, agora é a tua vez!”)

Até que não consegui mais resistir ao tentador apelo e deixei-me envolver no calor do seu corpo e, passo a passo, tato a tato, vamos nos enlaçando, nos aconchegando, *um amor a mais, me tirou a paz* e eu aspirando, como nunca antes tão de perto, o aroma que se evolava de sua

pele e cabelos, os rígidos seios comprimindo-se ao meu peito ao mesmo tempo em que as coxas macias e quentes como uma compressa encostam-se às minhas - “tá vendo como é fácil”, diz ela -, à medida em que vamos nos enquadrando cada vez mais, e, ao sentir a relevante ondulação do seu púbis, a ereção, incontida e irrecusável, rompe com todo o vigor, fazendo com que ela se afaste num supetão, como se tivesse levado uma fígada, mas, logo em seguida, vai novamente se chegando e incorporando-se à masculina vibração, *é tão gostoso, seu moço, a gente ter um amor*, e eu já não sentia a trajetória das minhas pernas, nem dos meus gestos, ou do meu corpo, inteiramente fixado ao dela, como se tivéssemos adquirido movimento próprio no espaço, guiados pelas notas musicais, um suor frio escorrendo pela testa, os olhos fechados, parecendo também estar vivendo um sonho, enquanto as minhas mãos, conduzidas por uma força autônoma e instintiva, acariciam as aveludadas penugens do seu braço ou percorrem, de-cima-abaixo-de-baixo-acima, a áspera suavidade de suas costas tostadas de sol e naquela quase total (não fossem as roupas!) integração de matérias e energias era como se nos transformássemos num só ser, multiplicados, simultaneamente, em infinitos seres...

Então uma estonteante voz, como se viesse das profundezas do inferno, ecoou no ar, reduzindo a mil estilhaços todo o encanto: - “Mas que agarramento é este aí?”, gritou Ângela, que tinha saído da sala e agora retornava. E foi naquele preciso momento que algo incontrolável rompeu-

se do meu corpo e toda a sensação acumulada libertou-se, numa explosão de vida e prazer...

Célia afastou-se, num salto, e passou a me encarar com olhos de espanto, no mesmo momento em que o sêmen liberado escorria pelas minhas pernas e formava, quase de imediato, um revelador e úmido círculo no tecido, fazendo com que a realidade concreta retornasse com todas as suas bitolas e censuras.

E tudo passou a ser dominado pelas risadas histéricas de Ângela, e eu, cada vez mais acossado pelo cruel momento, não encontrando nada para falar ou fazer, não vi outra solução a não ser sair correndo em disparada para o quarto, enquanto Ângela ainda se contorcia de tanto rir e Célia permanecia imóvel no meio da sala, o rubor e a excitação expressos nos seus avermelhados pomos. Até que, caindo em si, exclamou: - “Cala a boca, sua idiota!”

Uma impassível Magda acompanhava tudo de longe.

5

A temporada chegava à sua metade e, durante alguns dias de chuva a atmosfera na casa tornou-se pesada e opressiva. As pessoas zanzavam de um lado para o outro, tensas e inquietas como lobos enjaulados, alguma voz sempre esbravejando: “...esta merda deste tempo não melhora nunca!...” O clima azedo podia se perceber até nos pequenos rituais cotidianos, tipo “quer me passar o açúcar”, ou “não entrem em casa

molhadas, meninas”, ou ainda no aflito e rangente abrir e fechar da portinhola entre a copa e a cozinha, por onde os pratos e talheres empreendiam muitas trajetórias de idas e vindas. Assim como no incessante e repetitivo matraquear feminino que se ouvia na cozinha: - “...botem o doce na geladeira... estou com dor nas costas... e eu nas pernas... aquela outra receita é melhor... eu devia ter trazido a Josefina... é preciso pegar mais água no poço... venham ajudar aqui meninas... essas moças de hoje só pensam em namorar... umas inúteis... mal-acostumadas...”, vozerio que se unia ao bater de copos, louças e talheres.

E tudo piorou ainda mais com o despontar das enfezadas expressões das esposas, após fuga e desaparecimento por um dia e uma noite dos respectivos maridos, atraídos pelas eróticas cintilações dos *night-clubs* e lupanares das redondezas.

Mas o que mais me fustigava o espírito era perceber o cada vez maior interesse de Célia pelo (agora) assíduo pretendente. Pois duas novas presenças masculinas passaram a se tornar por demais vistosas em nossos territórios, para alvoroço das jovens cortejadas e para minha total contrariedade. Já de manhã cedo eu ficava de olho no movimento da praia, pedindo aos céus para não ver a indesejável dupla configurar-se na distância. Mas eu acabava distinguindo-os antes mesmo que elas se dessem conta.

Depois de alguns dias de aproximação, recuos, vacilações, assédios e contra-assédios, tiveram início as conversações preliminares. Após uma semana firmaram-se os respectivos namoros. Então tudo se modificou. Os dois pares fechavam-se a sós em seus respectivos mundos, sob a vigilância de familiares olhares.

(Crispa-se todo o meu ser ao ver Célia e seu parceiro, cabeça-e-corpos-juntinhos, enlevados em mútuas carícias...)

E quando elas surgiam desacompanhadas já não pareciam as mesmas de antes. Zanzavam de um lado para outro, com olhares vítreos e papelotes nos cabelos, só se preocupando com a forma com que se apresentariam nos próximos encontros.

6

Acuado e arisco, tal qual um bicho do mato, eu me entocava agora no antigo refúgio infantil, à sombra de árvores frutíferas e aromáticas pitangueiras. E lá estava, numa tarde calorenta, observando o incansável ir-e-vir de duas laboriosas fileiras de formigas, quando rasgos de sol infiltraram-se pelas folhagens e, à minha frente, como uma enfeitiçante aparição, surgiu Magda. Olhos espantados cruzaram-se e instaurou-se um interminável momento de silêncio. Até que ela quebrou o gelo e, com voz quase sussurrante, indagou:

- Você vem sempre a este lugar?

- Aqui é o meu esconderijo secreto, desde quando era criança - respondi.

O sol escondera-se por detrás de grossas nuvens, o que acentuava a palidez de sua face. Após passar alguns minutos quieta, ela disse:

- Pois eu nunca tinha vindo antes.

A partir disso passamos a nos encontrar ali quase todos os dias. Ou então dávamos caminhadas pela praia aos entardeceres ou à noite. E como ela pouco falasse aprendi a conviver com os seus longos silêncios. De qualquer forma, estar ao seu lado parecia-me tranquilizar o espírito.

Veza por outra, porém, Magda revelava algo de sua estranha personalidade. Num fim de tarde, caminhando rente ao mar, as cores crepusculares iluminando o seu rosto, ela disse:

- Gostaria de nunca ter saído da infância.

Como se eu me mostrasse surpreso, acrescentou:

- Quando somos crianças sonhamos em ser adultos. Mas, ao crescer, descobrimos que ser adulto é perder a fantasia.

- Você não gosta dos adultos? - perguntei.

- Não gosto do mundo deles, com suas regras, mentiras e falsidades. Não me agrada também a vida que estão programando para mim.

Caminhamos mais um pouco, eu me sentindo meio atordoado com a sua insólita maneira de pensar. Até que uma nova indagação me ocorreu:

- Mas por que foges também dos jovens?

Magda permaneceu por alguns minutos em silêncio, como se relutasse em responder. Até que, de chofre, mas num tom de voz menos incisivo, declarou:

- É que às vezes tenho a impressão de ser muito velha.

- Velha? Mas nem tens 18 anos ainda?

- Só que em certos momentos me sinto com séculos de existência.

7

O carnaval aproximava-se e eu me sentia invadido por uma estranha inquietação. Uma semana antes comecei a presenciar o corre-corre de Célia e Ângela, entrando e saindo atrás de adornos e mil enfeites multicoloridos, destinados às fantasias que elas usariam nos bailes, enquanto as mães e tias atuavam como improvisadas costureiras.

Até que, no sábado à noite, as duas irromperam espaço adentro transformadas em míticas personagens do mundo carnavalesco. Ao ver, rever, Célia cintilando de purpurina, brilhos e cores, as faces rosadas e os lábios escarlates, encarnada numa encantadora colombina, todo o sentimento anterior retornou de uma forma avassaladora. Ela pareceu perceber isso, ao me lançar um relampejante e luminoso olhar. Depois saiu às pressas, tragada pelas atrações e apelos da noite carnavalesca.

E o carnaval impôs o seu reinado. Dias chuvosos, repetitivos, melancólicos (para mim), confetes e serpentinas espalhados por todos os cantos, o cheiro de lança-perfume infiltrando-se no ar, o rádio só tocando músicas que evocavam a folia:

"Ô oooo, lancha nova no cais apitou..."

"O Zum-zum-zum-zum-zum-zum-zum, tá faltando um..."

Evitei Magda, naqueles dias.

8

A quarta-feira de cinzas despontou enevoada e cinzenta, de acordo com a sua própria designação. O mar eriçava-se, ao longe, cor de chumbo, laminado por fortes rajadas de um vento sul que já antecipava o outono. Então vi Magda vindo pela areia, com passos lentos e a cabeça curvada. Quando estávamos quase frente a frente ela interrompeu-se. E ali ficamos, por alguns minutos, encarando-nos, em silêncio. Até que ela perguntou:

- Não queres caminhar um pouco?

Revolvências na mente e na memória. O que se deu comigo? Lembro-me que o vento agitava os nossos cabelos e eu a olhava, vacilante. Então disse que preferia ficar por ali, esperando a chegada de alguma rede.

Magda afastou-se vagarosamente, até se transformar num ponto distante e indistinguível.

À noite deu-se o alvoroço e vozes sobressaltadas indagavam: - “onde está Magda?” – “quem viu Magda?”, - “ela nunca ficou até tão tarde fora!” E o tenso movimento de gente entrando e saindo, carros que iam e voltavam, a madrugada crivada de aflição, mil imagens de Magda perpassando pela minha mente: ela indo pela praia, nua no banheiro, o rosto leitoso surgindo aos turbilhões e, numa ligeira sonolência, o mar explodia com fúria e a pele branca de Magda era a espuma que chegava na areia...

No outro dia (ainda uma cinzenta manhã) formou-se o amontoamento na praia. Até que uma lancha surgiu nas ondas. Depois (tudo confuso e atordoado) homens carregavam um corpo, envolto num lençol e colocavam-no numa ambulância.

- “...escorregou nas pedras...” - ouvi dizer ao longe a voz de um pescador. - “...mas aquele lugar não é nem um pouco fundo...” - comentou outro.

Aí, num relance, vi: o rosto esmaecido de Magda, já sem cor, assemelhando-se a uma figura de cera, os cabelos esverdeados. Seus olhos ainda estavam abertos. Só que ela não tinha mais olhos.

Então indaguei a mim mesmo (o que continuaria a fazer pela vida afora) : “Por que não fui com ela? E se fosse, o que se modificaria?”

Em meio à debandada geral e compungidas despedidas, Célia me disse: “A gente quase não prestava atenção na Magda, mas agora parece que ela não se desprende de nós.” Depois me deu um prolongado beijo na boca, como se estivesse dizendo adeus a uma época que só retornaria em nossas memórias.

E quando o carro já se afastava da casa eu tive a impressão de ouvir a voz de Magda ecoando nos meus ouvidos: “...às vezes me sinto com séculos de existência...”

Aquela foi a nossa última temporada de verão em Camboriú. (1976)

*

(Conto publicado originalmente no livro “O Vendedor de Diabos”, Editora Garapuvu, 2005.)